

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS

VANESSA COSTA RIBEIRO

**O NEOFANTÁSTICO NOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES
TELLES**

GOIÂNIA

2020

VANESSA COSTA RIBEIRO

**O NEOFANTÁSTICO NOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES
TELLES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Antônio Vieira

GOIÂNIA

2020

VANESSA COSTA RIBEIRO

**O NEOFANTÁSTICO NOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES
TELLES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Escola de Formação de Professores e
Humanidades da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás como um dos requisitos para
a obtenção do grau de licenciatura plena em
Letras-Português.

Aprovado em ____/____/____

Banca examinadora

A meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me acompanhar nesta difícil jornada, e me manter sempre positiva diante das dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Henrique e Maria, que sempre investiram e acreditaram em mim e na educação, e em como eu me encontraria nela. Além de me proporcionar viver com a certeza de ser muito amada.

A minha irmã Thayná, por ser minha melhor amiga e companheira, a quem eu posso recorrer sempre, quem eu sei que posso contar em todos os momentos da minha vida.

Ao meu namorado Lucas, que foi um grande incentivador nesse momento final de formação, me apoiando e torcendo por mim em todos os momentos, demonstrando seu cuidado e amor por mim.

Ao meu amigo Warley, que eu pude conhecer através do curso, me proporcionando uma amizade pra vida toda.

As minhas amigas, Andrielly, Maria Alvina, Lana, Lara e Jennifer que nesse último ano me acompanharam nessa reta final, me divertindo, me dando apoio e incentivo.

Ao meu orientador Dr. Paulo Antônio por ter me orientado e guiado na construção deste trabalho, pelas conversas e conselhos, e inspiração. Sem ele nada disso seria possível.

À professora e coordenadora Helen, e a todos os professores(as) que fizeram parte da minha formação nesses últimos quatro anos, me inspirando a ser como eles. Sou muito grata!

Não peça coerência ao mistério nem peça lógica ao absurdo.

Lygia Fagundes Telles

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar a presença do gênero fantástico nos contos da autora Lygia Fagundes Telles, compreendendo as características do gênero em sua reformulação para o neofantástico (um gênero pautado na hesitação), e como se dá a construção desse traço estilístico nos contos da autora, que utiliza desse gênero em várias de suas narrativas. Para isso foram analisados três contos da autora, que apresentam o gênero fantástico de forma a romper com o modelo tradicional do século XIX, e por isso deixa marcas do gênero reformulado. O estudo consiste, portanto, na elaboração de um ensaio, dividido em três capítulos, sistematizando as percepções em torno dos contos da autora. Os suportes teóricos que orientaram as reflexões residem, principalmente sobre Tzvetan Todorov (2008), Jaime Alazraki (2001) e Vera Tietzman Silva (1984), dentre outros.

Palavras chave: Lygia Fagundes Telles. Fantástico. Neofantástico. Hesitação.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the presence of the fantastic genre in the stories of the author Lygia Fagundes Telles, understanding the characteristics of the genre in its reformulation for the neo-fantastic (a genre based on hesitation), and how the construction of this stylistic trait occurs in the stories by the author, who uses this genre in several of her narratives. For this, three stories by the author were analyzed, which present the fantastic genre in a way to break with the traditional model of the 19th century, and for this reason it leaves marks of the reformulated genre. The study, therefore, consists of the elaboration of an essay, divided into three chapters, systematizing the perceptions around the author's tales. The theoretical supports that guided the reflections reside, mainly on Tzvetan Todorov (2008), Jaime Alazraki (2001) and Vera Tietzman Silva (1984), among others.

Keywords: Lygia Fagundes Telles. Fantastic. Neo-fantastic. Hesitation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. EMANUEL – O FANTASMA DA MENTE DE ALICE	15
2. AS FORMIGAS – O TEMA DO INANIMADO.....	19
3. A CAÇADA – A DUALIDADE ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
ANEXO A - EMANUEL	30
ANEXO B – AS FORMIGAS.....	36
ANEXO C – A CAÇADA.....	42

INTRODUÇÃO

Lygia Fagundes Telles é uma escritora consagrada na produção literária brasileira, considerada uma das representantes mais significativas na segunda metade do século XX. Seu interesse pela literatura começa aos quinze anos de idade, tendo apoio do pai, ela publica sua primeira obra *Porão e Sobrado*. Mas sua estreia oficial ocorreu em 1944 com a obra *Praia Viva* e, apesar de se formar em Educação Física e posteriormente em Direito, a sua paixão pela literatura nunca a abandonou, tornando-a uma das maiores romancistas e contistas da literatura brasileira. No decorrer dos anos, Lygia continuou a escrever e lançar obras, atingindo reconhecimento, recebendo prêmios e, ainda, tornou-se a terceira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 16, em 1987. Sua consagração foi dada em 2001, quando recebeu o Prêmio Camões, e em 2016, com 92 anos, Lygia tornou-se a primeira mulher brasileira a ser indicada para receber o prêmio Nobel de literatura. Conhecida como a “dama da literatura brasileira”, é a maior escritora brasileira viva, atualmente com 97 anos.

A obra de Lygia Fagundes Telles possui características marcantes, a própria autora considera sua obra de natureza engajada, comprometida com a difícil condição do ser humano em um país de tão frágil educação, saúde, e acesso aos direitos básicos do indivíduo. A autora procura apresentar em seus textos a realidade envolta na sedução do imaginário e da fantasia. Especialmente em seus romances, as personagens principais tendem a ser mulheres dotadas de um psicologismo intenso e de comportamentos muito marcantes como exemplo: abordar um universo marcadamente feminino, trazendo dramas de uma classe média e urbana, explorando as experiências interiores dos personagens, além de abordar uma de suas principais marcas: o fantástico, que será o traço estilístico abordado neste trabalho.

O gênero fantástico teve origem em narrativas com o objetivo de explorar o medo, o susto e o horror em meados dos séculos XVIII e XIX, tendo evoluído para uma forma mais sutil no início do século XX, abandonando a temática de acontecimentos assustadores e emocionantes, para dar lugar a temáticas mais complexas. Antes desse desenvolvimento, o gênero exigia presença de monstros e fantasmas, posteriormente passou a inserir narrativas explorando o psicológico, através de pesadelos e/ou alucinações, no entanto, a aceitação dos fatos como reais e inexplicáveis pelo leitor, é a

característica marcante do gênero fantástico. Desse modo, a essência desse gênero está na hesitação, na incerteza daquele fato inexplicável (TODOROV, 2004), que não pode ser entendido racionalmente diante dos olhos do leitor, e é nesse momento de dúvida que ocorre a aparição do fantástico.

Nas obras da autora Lygia Fagundes Telles, esse gênero é bastante explorado, diversos contos apresentam mistério e com enredos que entrelaçam o natural e o sobrenatural, desafiando o leitor a decifrá-los. Tais elementos e a construção do gênero fantástico serão analisados em três contos da autora neste estudo.

Os contos escolhidos, que serão trabalhados aqui, são: “Emanuel”, “As Formigas” e a “Caçada”, tendo como elemento em comum a construção do tema fantástico no decorrer dessas narrativas, de forma a permitir que o estudo deste trabalho seja destinado a apontar como se dá a reconstrução do gênero fantástico, bem como, as características que o define como tal, que se fazem presentes nos três contos.

O surgimento do gênero fantástico na França, no fim do século XVIII, estava, necessariamente, ligado à presença de elementos sobrenaturais, a exemplo dos textos com fantasmas, monstros e mortos vivos. Para Todorov (2004), o fantástico é um gênero do século XIX que parte do cotidiano para nele inserir elementos sobrenaturais, para o autor, é o contexto da sociedade burguesa, sobretudo vitoriana, que torna determinados temas um tabu.

No Brasil, o aparecimento desse gênero está ligado à publicação da obra *Noite na Taberna* de Álvares de Azevedo, contudo, o país tem diversos autores que produziram obras no gênero fantástico, são exemplos disso: Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Murillo Rubião e Lygia Fagundes Telles que inspira o presente trabalho. Também, a professora e pesquisadora Vera Maria Tietzmann Silva pesquisou a presença do fantástico em Lygia percebendo que a reinvenção do gênero na autora ocorre, principalmente, no processo de metamorfose das personagens. A estudiosa acredita ser este o motivo que leva o leitor a se sentir transportado a uma dimensão onde tudo é possível e que o surpreende, pois não consegue antecipar os acontecimentos da narrativa (SILVA, 1984).

Essa afirmação retoma o conceito de Todorov (2004), de que o gênero está pautado sobre a hesitação, a incerteza diante dos fatos e dos elementos sobrenaturais, e que diante disso pouco se pode fazer em relação ao que se espera do conto, não se esperando de forma óbvia o desenrolar dos fatos na narrativa. Tzvetan Todorov (1939) é referência no momento de estudar o gênero fantástico. Com isso nos deparamos com o

estabelecimento do gênero de forma mais complexa, para Todorov (2008) o gênero está situado entre o maravilhoso e o estranho. Para definir de que modo o gênero está situado no texto, leva-se em conta a posição que a narrativa toma diante da hesitação, ou seja, possuindo uma justificativa sobrenatural diante do fenômeno fantástico, o texto é maravilhoso, já possuindo uma justificativa racional/ científica, o texto pertence ao gênero estranho. O teórico, com base nessas afirmações, define que o gênero fantástico não é um gênero autônomo, pois está de forma mais complexa entre outros gêneros, tendo de existir outras condições para a existência do gênero, destacando que não se trata apenas da aparição de um elemento sobrenatural.

Em seu artigo intitulado “Do terror à inquietação: o sobrenatural em dois contos de Lygia Fagundes Telles”, o autor Kélio Junior Santana Borges afirma que, ao analisar os contos de Lygia, pode-se observar que a narrativa possui mudanças dentro do gênero que acabam modificando-o e criando uma transformação do sobrenatural, tendo como resultado o que foi nomeado de neofantástico, termo criado pelo argentino Jaime Alazraki (2001), que significa assumir o mundo real como uma máscara para uma outra realidade mais complexa, nisso consistindo o neofantástico.

Jaime Alazraki (1934), no ensaio *¿Qué es lo neofantástico?*, propõe a partir do fantástico tradicional, um novo gênero, que apesar de se ligar ao modo antigo, não toma como característica a estrutura narrativa típica do gênero tradicional, dessa forma, a principal característica dessa reformulação é a capacidade de ruptura da barreira da realidade imposta pela razão e convenções culturais e sociais. Isso significa que, no neofantástico há uma subversão do real, que resulta em uma apresentação diferente da realidade.

Para o autor, houve a necessidade de harmonizar a literatura com os acontecimentos de sua época, por isso, Alazraki começa a encarar de forma diferente o fantástico nas décadas que surgiram depois da Primeira Guerra Mundial, os movimentos de vanguarda, o surrealismo e o existencialismo. Diante disso e do fato desse período histórico possuir características tão próprias e diferentes da época em que as primeiras obras do gênero tradicionalmente fantástico foram criadas, o autor considera esses motivos um impulsionador para a definição de uma nova forma de caracterizar novas obras, então surge o conceito de neofantástico.

No decorrer de seu estudo, Alazraki percebe que para muitos autores e críticos, houve uma espécie de delimitação do gênero fantástico, resumido à capacidade do gênero de causar medo, espanto ou horror, tendo como essa característica o que

distinguiria o fantástico dos demais gêneros. Diante disso, o autor observa que apesar de sua tentativa de manter o fantástico como gênero autônomo, que de acordo com seus estudos e diversos autores se caracteriza pela marca de provocar medo ou calafrios, o crítico observa que há algumas narrativas que não provocam tais sensações, já que o medo e o terror nessas diferentes narrativas são substituídos por inquietação e perplexidade, se afastando das narrativas do século XIX. Tais indagações colaboravam com a certeza de que seria necessário desprender-se das características tradicionais atribuídas ao gênero, para uma nova perspectiva teórica.

Diante disso, para a realização desta, foram selecionados os contos: “Emanuel”, “As Formigas”, e “A caçada”, de Lygia Fagundes Telles, os quais serão analisados com base nas definições do gênero aqui anteriormente apresentadas, a fim de apontar a construção do fantástico nos presentes contos. O elemento principal que une esses contos é sem dúvida a presença do fantástico, mas, um fantástico diferente do modelo tradicional, a questão agora é a presença do gênero em sua reformulação, uma narração neofantástica, pois, nos contos é difícil dizer que de fato há uma interferência sobrenatural, já que eles se baseiam no trabalho da mente diante desses fenômenos, o mundo real se apresentando de outra forma. Comumente, a hesitação e o mistério nos contos de Lygia estão situados em torno de personagens femininas.

Em “Emanuel”, a personagem Alice sai com seus amigos e após indagações sobre ela estar desacompanhada, ela acaba inventando um namorado com base nas características de seu gato, que possui o mesmo nome. Além da invenção, ela afirma que ele irá buscá-la, o que aguça a curiosidade de seus amigos para conhecê-lo, diante disso Alice começa a ficar nervosa e pensando como ela resolveria essa situação. Pouco tempo depois uma tempestade começa, e a campainha toca, seu amigo Afonso anuncia que Emanuel veio buscá-la, e assim termina o conto, sem resposta sobre quem é Emanuel.

Em “As Formigas”, a narrativa conta a história de duas primas universitárias que se hospedam em uma pensão de ambiente velho e sombrio, ao se instalarem descobrem que o antigo morador deixou uma caixa de ossos, e que o esqueleto é de um anão. Durante a noite o quarto é invadido por um cheiro muito forte, e por uma fileira de formigas que vão à caixa e modificam a posição dos ossos, assustadas com a situação que continua se repetindo, as duas fogem desesperadas da pensão.

No conto “A Caçada” a narrativa tem início com a chegada de um homem a uma loja que vende antiguidades. Dentre tantas peças a que mais intriga o visitante é uma

antiga tapeçaria que retrata uma caçada, ele a admira por um tempo, mas vai embora, no dia seguinte, o homem retorna à loja de antiguidades ainda intrigado pela tapeçaria. A segunda parte se inicia com a seguinte deixa: “Pode entrar, o senhor conhece o caminho”, na sequência o personagem passa a observar a imagem à sua frente, como se fosse parte dela, como se estivesse naquela cena. Em poucos segundos sente uma dor lancinante nas costas tal qual uma flecha a atingi-lo e cai no chão. A tapeçaria como que ganha vida, o personagem vive a caçada até suas últimas consequências.

Diante dos contos apresentados de forma resumida, o objetivo deste trabalho é analisar e apresentar as características que tornam esses contos pertencentes ao gênero neofantástico.

1. EMANUEL: O FANTASMA DA MENTE DE ALICE

Para que se instaure o fantástico, é necessária a existência de alguns elementos essenciais na narrativa. O primeiro deles é a capacidade de fazer com que o leitor consiga considerar o mundo dos personagens como sendo real, bem como os acontecimentos nele, hesitando sempre entre uma explicação sobrenatural e uma racional diante dos acontecimentos durante a narrativa.

Num mundo que é exatamente como o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 2008, p. 30)

O conto “Emanuel” tem início com o próprio nome do conto dentro de um parágrafo que não introduz ao leitor uma contextualização sobre do que se trata a narrativa, tempo e personagens, um recurso que desnorteia o leitor que não sabe o que esperar do conto. No decorrer da leitura podemos identificamos que se trata de um ambiente com amigos que bebem, fumam e conversam, e mais precisamente o assunto principal é o suposto amante da personagem Alice, uma mulher nos seus quarenta e poucos anos, solteira, solitária, com alguns amigos e um gato como companhia, medos e frustrações de uma mulher que se vê encurralada a apresentar uma realidade que não condiz com a sua. Alice é uma personagem que retrata uma mulher real, repleta de inseguranças e medos, tem vergonha da vida que leva, e que não representa o papel que lhe é imposto pela sociedade que orienta que em sua idade deveria estar casada, com filhos e feliz.

Ao analisar o nome da personagem, pode-se fazer uma analogia a *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carrol, 1865, que remete à existência de outra realidade, nela são possíveis diversas transformações entre o real e o mágico. Com a personagem Alice de Lygia, não é difícil identificar se o mesmo tipo de transformação acontece em sua mente à medida que ela apresenta seu amante.

As características que ao decorrer do conto trazem um ar de mistério e às vezes de não entendimento em alguns momentos, como, muitas indagações da personagem, certos momentos vagos de sua mente, e até mesmo o fato da personagem central ser a

narradora do conto, fazendo com que o clima de ambiguidade seja presente no texto, e aproxima o leitor da personagem, isso e mais algumas questões que ainda serão abordadas neste trabalho, serão indicativos da construção do gênero neofantástico no conto.

A personagem Alice apresenta duas características muito frequentes no gênero neofantástico: a loucura e a paranoia. Para Freud, 1924, a paranoia faz conjunto com a histeria e a neurose obsessiva, e, assim como estas, é classificada simplesmente como neuropsicose. Ambos estão ligados ao exagero, sendo notável na personagem uma necessidade de aprovação, por isso apresenta delírios de grandeza e ainda toma uma posição de se julgar incompreendida por todos a sua volta, sendo possível identificarmos essas características nos trechos abaixo:

-- ninguém acreditou. Nessa história de amante. Mas por que não acreditam, por quê? Sou assim tão horrenda, tão repugnante? Hein? Me respondam, por quê? Um homem de olhos verdes e Mercedes branco, ele vem me buscar no Mercedes, digo --..." "-- Exagerei, não precisava ter exagerado tanto, podia dizer apenas que tenho um amante, pronto, um tipo comum, nada de especial. Mas comecei com meus delírios, tanta vontade de beleza, de poder. Vontade antiga de chamar atenção, brilhar de mistura com um desejo agudo de vingança – (TELLES, 2018, p. 565).

Alice está imersa em uma realidade em sua mente que a desloca da realidade fora dela, como um labirinto mental. Diante da fala de Alice citada acima, nota-se uma agonia diante de tantas ideias e sensações vividas pela personagem e a incerteza se instala na mente do leitor, e ele hesita em relação aos caminhos tomados pela narrativa, e principalmente sobre o seu desfecho, de modo que “a hesitação do leitor é, pois a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 2008, p.37).

Ao passo que Alice caracteriza a figura de seu amante baseada nas características de seu gato Emanuel, o clima de incerteza aumenta, pois o que a imaginação da personagem criou até agora na narrativa, parece ter dado vida a uma pessoa de carne e osso, com gostos e profissão definida, além de carregar um nome significativo para o que acontece no conto, Emanuel: aquele que há de vir.

Aperto contra a boca o copo vazio, eu vazia. E todos falando ao mesmo tempo. A janela se escancarou na ventania, a cortina subiu e derrubou garrafas, copos, tumultuando a sala que rodopiou no vento. E a voz de Afonso pairando sobre as águas, voltou arfante porque subiu a escada correndo:

- É o Emanuel, minha querida, É o Emanuel. (TELLES, 2018, p. 570.)

Diante do significado que o nome Emanuel carrega, o clímax do conto é também onde está o seu elemento fantástico, ambos concentrados no final, na aparição de Emanuel. Com a chegada do homem criado por Alice, uma série de hipóteses pode ser levantada: teria o gato se transformado em homem? Os pensamentos de Alice teriam sido tão fortes a ponto de seu gato encarnar esse amante inventado? Ou seria uma brincadeira de seus amigos sabendo que não existia nenhum Emanuel? Não há respostas para essas e qualquer pergunta referente ao desfecho do conto, ele termina intensificando o mistério.

Várias possibilidades se oferecem para o leitor, bem como para Alice. O milagre pode ter acontecido e, neste caso, optando pelo maravilhoso, o gato virou homem; o estranho também seria viável, se um desconhecido coincidentemente denominado Emanuel tivesse batido a porta justamente naquela hora; uma terceira alternativa ainda, que não pode ser descartada, seria uma brincadeira de mau gosto de parte de Afonso para divertir-se às custas da pobre Alice. Todas as opções são possíveis, contudo a escolha dependeria de uma continuidade, que não houve. (SILVA, 1984, p.57).

A princípio era nítido que Emanuel era fruto da imaginação que busca por aprovação de Alice, mas, de repente, nos é entregue a presença de Emanuel, ou pelo menos, a ideia da presença, já que o conto não nos permite saber se de fato era ele quem chegara.

A autora que gosta de gatos os define como cavilosos (astucioso, artiloso, velhaco, manhoso, fingido): “Essa palavra saiu da moda, mas deveria ser reconduzida, não existe melhor definição para a alma do felino. E certas pessoas que falam pouco e olham. Olham. Cavilosidade sugere esconderijo, cave aquele recôncavo onde o vinho envelhece. Na cave o gato se esconde, ele sabe do perigo” (TELLES, 1998, p.10). Os antigos egípcios o veneravam. Já na Idade Média era demonizado, considerado um animal diabólico, simbolizava luxúria.

Para a autora Vera Maria Tietzmann Silva, “pelo discurso indireto livre, sente-se que Emanuel, na cabeça de Alice, não é uma mentira, mas um mito, uma ‘verdade da imaginação’” (SILVA, 1984, p.34). Sendo assim, pode-se considerar que esse personagem é uma verdade da imaginação, criado pela mente de Alice como um mecanismo de defesa, pois, com a criação desse namorado, ela pode então se tornar parte do grupo, e não ser alvo de piadas por conta de sua solteirice.

Na literatura, o conceito de verdade assume um aspecto duplo: existindo uma verdade dos acontecimentos e outra sendo a verdade do sentido desses acontecimentos narrados (SILVA, 1984).

A mentira - ou, se preferirmos, a ficção - que a narradora desse conto cria em torno da imagem do homem ideal, seu amante imaginário, é tão forte que, por assim dizer, Alice opera a metamorfose através da palavra. A ficção torna-se realidade, a criação se faz pelo poder mágico de seu verbo. Nisso consiste, aliás, o fazer do escritor. (SILVA, 1984, p.13)

Dessa forma, é aceitável que acreditemos, e se torna totalmente verosímil, que o gato de Alice tenha se tornado o seu amante Emanuel. O animal neste conto age como veículo da transgressão da realidade, ou pelo menos induz a essa transgressão, já que dela emergem suposições que não são confirmadas, mas também não podem ser negadas.

Diante do trabalho que a mente de Alice desenvolve na narrativa, fica claro que ela vive uma situação opressiva em sua vida, situação essa que tipifica o problema da mulher inserida numa sociedade androcêntrica, que, impõe para a mulher que a sua condição de vida está associada à falta de um marido e filhos, e isso se reflete muito em Alice e na necessidade que ela tem de suprir essa ausência, principalmente em relação ao que pensarão dela. Dessa forma, a pressão que a personagem sofre é tão grande, que em sua mente uma série de possibilidades são criadas, fruto de um desespero em se adequar no que a sociedade (seus amigos) impõe para ela. No gênero neofantástico é possível recorrer a temas sobrenaturais, e Lygia além de recorrer a esses temas, inclui as problemáticas femininas em suas narrativas explorando de forma intimista a psicologia feminina.

2. AS FORMIGAS: O TEMA DO INANIMADO

Lygia Fagundes Telles é conhecida por explorar temas diversos em seus contos. Dentre eles, um que já identificamos no conto passado, é a metamorfose em “Emanuel”. Outro elemento presente nos contos da autora é o tema do inanimado, que está constantemente presente na literatura fantástica, sendo o inanimado: tudo aquilo que não possui movimentos próprios, vontades, que se pode observar na análise do conto a seguir.

O conto “As Formigas” se inicia com a chegada de duas estudantes em uma antiga casa onde funciona um pequeno hotel. A narradora, que é a personagem principal, é uma estudante de Direito, e sua companheira de quarto é sua prima, estudante de medicina, ambas decidem se hospedar nesse local por falta de condições para pagar uma instalação melhor. Ambas deixaram suas cidades para estudar, e estão em um processo de tomada de independência precisando vivenciar novas experiências e situações nunca vividas.

Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.
– É sinistro. (TELLES, 1998, p.31)

Desde o início do conto, até o seu desfecho, é possível notar que seus acontecimentos se passam à noite, ajudando a compor um ambiente de mistério para a narrativa, muito importante para a construção do fantástico no conto. Bem como a descrição da casa feita pelas personagens, sendo sombria e sinistra, e que ao adentrar a velha casa somente reforça o ambiente escuro e mofado, cheio de móveis velhos, com uma proprietária que não diferia muito do estado da casa:

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho. (TELLES, 1998, p. 31).

Para completar a figura de uma bruxa, a velha ainda possuía um gato. Tratadas com indiferença pela dona da pensão, as meninas são levadas até o seu quarto que fica no sótão, bastante simples e pequeno o quarto não difere do restante da casa, a não ser, pela existência de algo peculiar naquele quarto. A velha informa que o antigo inquilino que

por coincidência também era estudante de Medicina havia esquecido uma caixa, e nessa caixa havia ossos de um anão. O item deixou a estudante de Medicina fascinada, que logo tratou de fazer planos de montar os ossos futuramente.

Logo na primeira noite algo estranho acontece, as estudantes acordam com um cheiro muito forte de algo que elas não conseguem identificar. A protagonista dorme brevemente, e nesse tempo ela sonha com um anão sentado na beira da cama de sua prima. Assustada, quando desperta ela e sua prima constata a presença de formigas: “São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não há trilha de volta, só de ida – estranhei.” (TELLES, 1998, p. 34).

Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

– Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar. (TELLES, 1998, p.34)

As estudantes indagam o que pode ter levado aquelas formigas ao quarto delas, quando uma supõe que o motivo seriam os ossos do anão, porém, a estudante de medicina afirma que não pode ser esse o motivo, já que os ossos estão completamente limpos. Apesar de os ossos estarem limpos, as meninas percebem que algo mudou:

– Esquisito. Muito esquisito. – O quê?

– Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

– Deus me livre, tenho nojo de osso! Ainda mais de anão. (TELLES, 1998, p, 35).

Desse momento até o final o conto instaura-se no conto o mistério. Durante o dia as estudantes notam que não há nenhuma formiga, mas, como fantasmas as formigas aparecem com a noite, e dessa vez uma delas percebe que a movimentação das formigas no caixotinho está mudando os ossos de lugar, quase que conscientemente:

- As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo. (TELLES, 1998, p. 36).

- Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei para fazer pipi, deveria ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei para o chão e vi a fila dura de formigas, você se lembra? Não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas se trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que me fez cair para trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo

mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... Estão se organizando. (TELLES, 1998, p.36)

Curiosa com a situação na terceira noite a estudante de medicina decidiu que iria encontraria o lugar por onde as formigas saíam. Determinada, a estudante ficou de vigia e ainda utilizou uma lupa para tentar ver melhor de onde elas vinham. Mas sem sucesso. Nesse momento sua colega chega de uma festa, cansada ela resolve dormir, e sonha com um anão que a agarrava e rodopiava, quando foi acordada por sua prima de repente, convencida de que as formigas estavam montando o esqueleto do anão: “– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur.” (TELLES, 1998, p.37). Diante disso a estudante decide ir embora, e ambas fogem aterrorizadas da casa.

Ao fugirem, as estudantes sentem que o cheiro estranho as acompanhava e ouviram algo que poderia ser um grito, ou foi o miado do gato da dona da casa, grito esse que não é desvendado, e assim o conto termina com a fuga das moças e o mistério do que aconteceu ao final da montagem dos ossos pelas formigas. Desse modo, pode-se a partir desse final, formular diversas indagações sobre os acontecimentos: as formigas eram sobrenaturais ou algo maior as dominava? Seriam apenas delírios das estudantes? Ou uma brincadeira da dona da pensão? Ou poderia mesmo a dona ser uma bruxa e estava a fazer algum feitiço? Para a autora Vera Tietzmann, as formigas podem ser agentes ou instrumento de transformação, como explicado no trecho a seguir:

O agente metamórfico é ambíguo, tanto pode ser a multidão de formigas como algum ser sobrenatural utilizando-se das formigas. Isto é as formigas podem ser agentes ou instrumento de transformação. (SILVA, 1984, p. 79).

Uma diferença encontrada nesse conto, que destoa com a maioria dos demais, é que desde o início a narrativa é construída a fim de provocar medo no leitor, nota-se isso com as afirmações ao decorrer do conto como: “- É sinistro”, “- Estou com medo”, “- É esquisitíssimo”. Além de diante dos acontecimentos, existir uma inovação na atitude das personagens, que em meio às ações premeditadas das formigas, não ficam imóveis àquele acontecimento, e fogem da pensão deixando as conclusões indefinidas.

O conto nos leva a acreditar que as formigas estão agindo de forma premeditada, de forma consciente, coletiva e com um objetivo ao organizar os ossinhos no caixote. Esse tema retoma a introdução ao inanimado, que consiste em dar movimentos próprios para

essas formigas que exercem um papel totalmente fora do que se é entendido como normal, ou real.

Diante das não conclusões sobre o que de fato movia essas formigas, dúvidas se instalam na mente do leitor sobre o que aconteceu, bem como o conto anterior, podemos fazer diversas perguntas e imaginar diversos desfechos, porém, diante da interferência sobrenatural, que não abre espaço para uma explicação racional, constatamos a presença do fantástico, e com o final que causa no leitor uma hesitação do desfecho, o mistério do conto permanece em aberto, então, constatamos o fantástico em sua reformulação, o neofantástico.

3. A CAÇADA: A DUALIDADE ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO.

No conto analisado neste capítulo, abordando outro tradicional tema na literatura fantástica: a dualidade, a narrativa utiliza desse elemento visando a destruição do eu.

O conto “A Caçada” começa com o ambiente de uma loja de antiguidades, o lugar é repleto de peças que carregam nelas histórias diferentes, que podem ser interpretadas de diferentes formas dependendo da visão do personagem, peças que podem fazer com que a imaginação trabalhe para pensar a história daquelas peças, um ambiente propício para ocorrer algo misterioso e estranho.

Neste conto logo no primeiro parágrafo e com o avançar da leitura, pode-se perceber que são constantemente utilizados os sentidos na narrativa, como por exemplo: o olfato, o tato e a visão, como demonstrado no excerto:

A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus anos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou vôo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas. (TELLES, 2011, p.21).

Esses sentidos são utilizados durante a narrativa, pois permitem que o leitor se envolva mais na trama, permitem que o leitor experimente cada ação em seus detalhes, com isso, possibilitam ao leitor imaginar-se executando as ações e experimentando as sensações veiculadas pelo conto.

O personagem principal do conto é um homem que se encanta com uma tapeçaria em uma parede no fundo da loja de antiguidades, e começa a visitar a loja todos os dias a fim de ver essa tapeçaria que retrata a cena de uma caçada. Com a reincidência das visitas, ele passa a acreditar que a imagem na tapeçaria está mudando, começa a notar que as cores estão se tornando mais nítidas e vivas, além de sentir que tem alguma ligação com aquela cena que lhe parece muito familiar. Por outro lado, a dona da loja, uma velha, negava todas as mudanças que o homem acreditava estar notando na tapeçaria. Os personagens representam o real e a imaginação, que no decorrer da narrativa, vão se entrelaçando, um traço forte do neofantástico: um elemento natural começa a deixar dúvidas sobre a verdadeira natureza de seus fatos, abrindo espaço para a incerteza (ALAZRAKI, 2001). Um exemplo desse confronto de ideias dos personagens está neste trecho:

— Parece que hoje tudo está mais próximo — disse o homem em voz baixa.— É como se ... Mas não está diferente?
A velha firmou mais o olhar. Tirou os óculos e voltou a pô-los.
— Não vejo diferença nenhuma.
— Ontem não se podia ver se ele tinha disparado a seta...
— Que seta? O senhor está vendo alguma seta?
— Aquele pontinho ali no arco... A velha suspirou. (TELLES, 2011, p.23)

Nesse momento, percebe-se a dualidade e contraposição entre o personagem e a dona da loja. As perspectivas de lugar e de acontecimento na tapeçaria são totalmente diferentes. Ele enxerga a cena de uma forma, que a dona não enxerga, podendo estabelecer a relação entre o que é real e o que não passa de imaginação, ou delírio.

Na narrativa podemos observar em vários momentos o quanto a tapeçaria está em más condições, como observamos no trecho a seguir: “Pena que esteja neste estado” (p. 23), “Deslizou a mão pela superfície puída” (p.23), “essa tapeçaria não aguenta a mais leve escova, o senhor não vê? Acho que é a poeira que está sustentando o tecido (...) Eu disse que o pano estava por demais estragado” (p. 24), “Na hora que despregar é capaz de cair em pedaços” (p. 24). Essas observações tornam a visão do protagonista e suas percepções quanto à tapeçaria ainda mais estranhas, já que tudo indica que ela está por um fio, menos na visão do homem que a cada momento fica mais fascinado pela imagem.

Um fato interessante e que aumenta o mistério acerca da cena, é que a origem da tapeçaria é desconhecida:

— Foi um desconhecido que trouxe, precisava muito de dinheiro. Eu disse que o pano estava por demais estragado, que era difícil encontrar um comprador, mas ele insistiu tanto... Preguei aí na parede e aí ficou. Mas já faz anos isso. E o tal moço nunca mais me apareceu. (TELLES, 2011, p.22).

Enquanto o personagem contempla a tapeçaria, uma angústia vai tomando conta dele, ele está certo de que viveu aquele momento, mas quando? O visitante da loja sente cada vez mais ligado à tapeçaria, conhece o cenário tão bem que é capaz de sentir o perfume dos eucaliptos, o frio da madrugada.

Vera Maria Tietzmann Silva trata de muitos elementos desse conto em sua dissertação *A Metamorfose em Lygia*, de 1985, em que, a autora pontua que: o verde é uma cor ambígua que pode tanto traduzir a esperança e a juventude quanto a perfídia e a decomposição (SILVA, 1984, p. 49).

Vagou o olhar pela tapeçaria que tinha a cor esverdeada de um céu de tempestade. Envenenando o tom verde-musgo do tecido, destacavam-se

manchas de um negro violáceo e que pareciam escorrer da folhagem, deslizar pelas botas do caçador e espalhar-se pelo chão como um líquido maligno. A touceira na qual a caça estava escondida também tinha as mesmas manchas e que tanto podiam fazer parte do desenho como ser simples efeito do tempo devorando o pano. (TELLES, 2011, p. 23).

No conto, pode-se observar que a narrativa trabalha com a dualidade da vida real e a da lembrança da tapeçaria, nos fazendo transitar entre duas realidades sem sabermos ao certo o que é real. O mundo real do visitante da loja passa a fazer parte do imaginário apresentado na cena da tapeçaria, que se torna real aos olhos do protagonista.

Diante da narrativa o leitor se encontra em hesitação sobre o que é real e imaginário, o personagem cada vez mais se sente familiarizado com aquela cena, como se ela se comunicasse com ele. A loja representa a realidade, juntamente com a dona que contrapõe ao que ele imagina, e a tapeçaria representa o mundo imaginário, onde o protagonista é ambíguo, sendo questionável a sua realidade, pois está circulando entre a dualidade, o que desestabiliza o leitor, que vacila entre o real e o imaginário, como explica Vera Silva:

A vacilação costuma ser de duas espécies, a que opõe o real ao sobrenatural, pondo em dúvida a existência de forças sobre-humanas; e a que opõe o real ao imaginado, pondo em dúvida a correta interpretação dos sentidos. No texto de Lygia ocorrem os dois casos. O personagem tenta relacionar a irresistível atração que a velha tapeçaria exerce sobre ele, exorcizar o misterioso fascínio que o arrasta todo dia à loja, que lhe aniquila a vontade, que lhe tira o sono e a paz. (SILVA, 1984, p. 52).

O personagem começa a contrapor diversas possibilidades do motivo de se sentir daquela maneira em relação à pintura, desde ter sido o pintor daquela cena, até ser um espectador do acontecimento, buscando justificativas para a sua ficção na tapeçaria. Em busca de sanar essas dúvidas, o personagem decide madrugar na loja com o objetivo de rever o quanto antes a pintura, e quando o momento de contempla-la chega o primeiro sentido aguçado é o olfato, e ele sente cheiro de folhas e terra, como os presentes na tapeçaria, e isso faz com que ele entre no mundo imaginário de vez, e a loja se torna cada vez mais distante: “Imensa, real só a tapeçaria a se alastrar sorratamente pelo chão, pelo teto, engolindo tudo com suas manchas esverdeadas” (TELLES, 2011, p.26).

No final do conto, o protagonista se vê totalmente dentro da cena, a sala da loja se torna o ambiente que tanto observava, toca as árvores, e ouve uma seta, sentiu a dor de uma flechada, o que indica que era ele a própria caça. O personagem tenta agarrar-se a tapeçaria de modo a serem um só, com as mãos apertando o coração.

Diante da narrativa que nos insere na angústia do personagem e na aflição que ele sentia por buscar respostas, fica a indagação de se tudo isso que ele viveu foi real, ou se não passava de um delírio, ou sua admiração pela tapeçaria era tanta que o levou pensar que fazia parte daquilo de alguma forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber, o conceito de neofantástico, criado por Jaime Alazraki, que é abordado aqui, constitui uma forma reformulada de abordar textos contemporâneos que apresentam uma relação com o fantástico tradicional. Com o estudo do gênero fantástico desde o século XIX até os dias atuais, foi possível desenvolver este trabalho com a finalidade de abordar a utilização desse gênero reformulado nos três contos aqui analisados de Lygia Fagundes Telles. A autora trabalha temas diversos em suas narrativas explorando desde o duplo, a metamorfose, a possessão e até a animação do inanimado, além dos animais tomando características e forma humana (antropomorfismo).

O presente trabalho buscou demonstrar a utilização do neofantástico nos contos de Lygia, rompendo com o modelo tradicional vinculado ao terror e à recorrência a monstros e objetos de horror. O modelo teórico que foi abordado neste trabalho desvincula a utilização desses recursos e passa a apresentar em suas narrativas o trabalho da mente e de elementos não explicáveis de forma racional, e como foi analisado nos contos aqui apresentados, isso se dá de forma sutil e não aterrorizante, podendo ser caracterizado na palavra que muito foi utilizada aqui: a hesitação.

Sonhos, retorno ao passado, e lembranças são temas recorrentes nos contos da autora, contrapondo o presente.

Em “Emanuel” podemos perceber que o elemento fantástico está concentrado no final, na suposta aparição de Emanuel. Neste conto a metamorfose é operada através da fala, quando por meio dela Alice dá vida a Emanuel, supostamente. No conto “As Formigas”, o principal elemento é o inanimado, tema que é bastante explorado na tradição fantástica, no caso do conto, as formigas, já que entende-se que elas não teriam o comportamento que apresentam no conto. Já em “A Caçada”, podemos perceber como elemento principal o trabalho de dualidade entre o real e o imaginário durante a narrativa, além das dualidades apresentadas como: caça/caçador e vida/morte.

Lygia sem dúvidas apresenta um grande domínio na arte de produzir contos. Nos textos que enveredam para o neofantástico, a autora utiliza de leis naturais que não podem ser explicadas, em ambientes que são exatamente como o nosso, de forma familiar, de modo que não notamos nenhum estranhamento de início, e com a familiaridade em que ela nos insere, somos levados ao ambiente do conto aguardando

uma explicação. Há um cuidado com a construção da atmosfera do conto, e o recurso do narrador em primeira pessoa que é bastante utilizado pela autora, aumenta a ambiguidade do texto, e produz a não certeza diante dos fatos que estão sendo narrados, resultando na presença do tema que esse trabalho propôs a apresentar: o neofantástico nos contos de Lygia Fagundes Telles.

REFERÊNCIAS

ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, David (Org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265-282. 1934.

BORGES, Kelio Junior Santana. Do terror à inquietação: o sobrenatural em dois contos de Lygia Fagundes Telles. *Todas as Musas*, ano 09, nº 01, 2017. Disponível em:

https://www.todasasmusas.com.br/17Kelio_Junior.pdf. Acesso: 09 de junho de 2020.

FREUD, S. (1924). Neurose e psicose. In Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles*. 2. Ed. Goiânia: Editora da UFG, 1984.

TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. Os Contos / Lygia Fagundes Telles; Posfácio Walnice Nogueira Galvão. – 1ª ED. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas Narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correia Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ANEXO A - EMANUEL

Emanuel

— Emanuel — eu respondo. E não digo mais nada porque sinto que ninguém está acreditando em mim, ninguém acredita que meu amante de olhos verdes tem um Mercedes branco e se chama Emanuel.

— Emanuel — repete Afonso. — Tive um colega com esse nome mas já morreu. Você disse que ele vem te buscar?

Loris está tentando servir uísque mas a bebida não sai da garrafa que ela sacode com força. Começou também a se sacudir de tanto rir.

— Tem um Mercedes branco, mas não é finíssimo? Conta mais, Alice, todo mundo quer saber os detalhes!

Quero alcançar o cinzeiro no centro do tapete que está longe demais, tenho que me estender no almofadão num movimento que poderia ser gracioso mas meu gesto é duro e minha voz fica postiça. Todos ali tão à vontade no chão, só eu assim tensa como um faquir deitado numa cama, com serpentes deslizando em redor.

— Uma vez peguei uma cobrinha, não era viscosa mas apenas fria — digo e ninguém está interessado em saber o que senti quando peguei a cobra. — Queria agora um conhaque — eu peço e Afonso puxa para mais perto o carrinho de bebidas. Estou me lembrando de uma piada, ele diz abrindo o sorriso mas sei que essa piada sou eu. Me estendeu o copo fazendo uma reverência.

— Pronto, menina!

Cínico. Está se divertindo: nem ele nem Loris nem Solange, ninguém acreditou nessa história do amante. Mas por que não acreditam que tenho um amante? Sou assim tão horrível, me respondam, por que não acreditam? É um homem de olhos verdes que vem

me buscar no seu carro, digo e Loris quase se engasgou no uísque e Afonso, o cínico... Até o homenzinho do cravo no peito também fez aquelas caras, mal me conhece e já se incorporou ao grupo, Ó! Deus! Tomo um gole e respiro, preciso me acalmar, não é assim não, estou histérica, o homenzinho nem me notou e eu com essa minha mania de perseguição! Minha culpa, minha culpa, quem mandou exagerar? Eu não precisava ter exagerado, podia dizer que tenho um amante e pronto, um tipo comum, nada de especial. Mas comecei com meus delírios, tanta vontade de beleza, tanta vontade de poder. Vontade antiga de chamar atenção de mistura com esse desejo agudo de vingança, Loris me olhando no maior espanto e eu no acesso de apoteose mental, fúria de sons como numa orquestra desencadeada tocando Wagner, mais, mais! Desfrutável, sou uma desfrutável. Nunca entendi direito o que quer dizer desfrutável mas deve ser uma coisa que vem da palavra *fruta* que virou *bagaço* e as pessoas se aproveitam — mas quem se aproveitou de mim? Nem isso. É que nunca tive nada, nem uma família importante, nem empregos, nunca a alegria do supérfluo que só o dinheiro dá, mas que dinheiro?! Não tive nem ao menos um gato pingado pra puxar pelo rabo! Mas espera, um gato esse eu tenho! Bebo outro gole enternecida, é um gato de rua mas é um gato, o Emanuel. Nome que dei a esse amante e que saiu tão espontâneo da minha boca, Meu amor se chama Emanuel!

— Ainda bem, minha querida, já passou da hora de arrumar um caso, a gente já estava preocupada com essa virgindade, que horror! E ainda por cima ele é um tipo assim lindo? — disse Solange ajeitando o cigarro na piteira.

O sorriso amanteigado foi para o Afonso ou para a Loris? Acariciou o contorno da boca com a ponta da piteira, ela tem um corpo bonito mas a boca é vulgar — não, devo estar verde de inveja, ela tem uma boca fascinante, quisera eu! Quisera eu.

— Sabe o que quer dizer *Emanuel*? É aquele que há de vir — disse Loris fazendo girar o gelo do copo. Chupou devagar o dedo molhado. — Emanuel é aquele que há de vir!

Fechei o dedo polegar na gruta da mão: agora me lembrava do sonho da véspera, tinha uma voz dizendo dentro do meu ouvido que queria a minha boca, minha boca! Abri a boca e a voz ficou mais secreta, ele queria a boca silenciosa! Esvazio o copo. Através do vidro vejo os olhos bistrados de Loris me olhando lá de longe, ela fica distante quando bebe e ao mesmo tempo fica mais próxima, ouve tudo, entende tudo. Descobriu que menti desbragadamente e ficou perversa, ela que não precisa ser perversa.

— Afonso, você está rindo sem parar, vai, conta! — ela pede.

Sabe que ele está rindo desta quarentona sem a menor graça e ainda com esses delírios, sonhando com homens me pedindo a boca mas não essa, a outra... Que sonho, que vida! Só me resta agora ficar repetindo que ele virá me buscar, esse Emanuel dos olhos verdes e do carro branco. Finíssimo! disse Loris. Tenho agora que sustentar a mentira enquanto minha cara vai encompridando como na história do boneco de pau, o Pinóquio, mas nele era o nariz que ia crescendo quando mentia — ô! meu Pai! tanta vontade de vomitar esta minha cara de freira sem vocação. Tarde demais para começar um caso e começar com quem? Mulheres e homens se oferecendo aos montes, meninas de doze anos e os homens já exauridos, enfartados. A Loris sabe disso, ela que já se deitou com todos os sexos daqui e do mundo e eu que não saí nem do meu bairro. Dois ou três namorados sem o menor empenho, com preguiça de aprofundamentos, mas em que tempo a virgindade era prestigiada? O desejo morno, a preguiça, quer dizer que a minha Alicinha?... Quando me chamam de Alicinha já sei que não vai acontecer nada, viro a confidente, a irmã. Se ao menos essa virgindade fosse facilitada, se o ato não sugerisse alguma mão de obra... O medo que eles têm de envolvimento, vínculos, medo de filhos... E eu afetando calma quando minha vontade é de gritar, puxar os cabelos, ódio de mim mesma, sua imbecil! Pior do que ser feia é ser assim opaca. O dinheiro resolveria, ah, com dinheiro eu podia fazer a excêntrica que paga uma corte e mais esse Emanuel, por que não? Podia dar-lhe o carro, o avião, o navio e mais daria... Um homem resplandecente, coberto de ouro em pó e eu dizendo, Dê suas ordens, quer que faça sua comida, que engraxe seus sapatos? Engraxo tudo, sou um ser dependente, frágil, pois que venham as feministas e que cuspem em mim, ora, cuspem à vontade! As idiotas se fazendo de fortes, arregaçando as mangas, tamanha arrogância! Ora, essa revolução da mulher... — Tinha ainda esse quadro — prosseguiu Solange e fiquei sem saber que quadro era esse. Fico olhando a correntinha de ouro presa no seu tornozelo, ela tem pernas belíssimas.

Encolho as minhas. Ainda assim amanheço e escovo os dentes com cuidados especiais, esses dentes fracos mas a esperança de que um dia... Esperança no creme das sardas, no tônico para os cabelos, tanta vitamina... Esta vontade de luta. “A esperança é curva assim como uma asa”, disse alguém. Melhor me deitar na planície mas quando dou acordo de mim já estou subindo a montanha, respirando e subindo. Orgulho? A esperança será apenas orgulho?

— E o que faz esse seu amado? — pergunta Loris mordendo o sanduíche.

— É médico.

Ginecologista, tenho vontade de dizer. Eis aí o que sempre desejei, um namorado médico que me tomasse em suas mãos experientes e através delas eu conheceria a mim mesma, a começar por este corpo que me escapa assim como um inimigo. Pois conheceria meu corpo quando as mãos fossem me tateando, o cheiro, o gosto... Ele que já conheceu tantos corpos dentro e fora da profissão, ah! me tome depressa que o tempo é de amor! Com mil desculpas por esta virgindade mas não foi por virtude, foi bloqueio, lá sei! Eu podia namorar o homem do leite mas faz séculos que não tem mais nem o homem do leite nem o homem do pão, mamãe abria a porta e o cheiro da cesta dos pães dourados, "Vem, neném, escolhe a sua rosquinha". Ah, se essa trabalhadeira de virgindade desse ao menos ao primeiro namorado um pouco de emoção. Eu diria que me guardei até hoje e ele assim meio espantado, "Mas é simples, minha querida, simples como beber um copo d'água! Não fique contraída, vamos, relaxa...". Agora era o meu pai me levando pela mão ao dentista, "Não endureça a boca, relaxa porque assim o doutor não vai poder arrancar o seu dentinho! Prometo que não vai doer!". Enxugo os olhos no guardanapo ao meu lado.

— Estou tão curiosa, a que horas ele vem? — pergunta Loris. — Esse seu namorado, o Emanuel.

Amasso na mão o guardanapo e mastigo um croquete fumegante. Sopro a fumaça, ah! queria virar uma formiguinha para entrar nesse vulcão. Loris sabe que eu estou mentindo, os outros desconfiam mas os outros estão distraídos, ela não. Encolho as pernas mas queria encolher os pés que são enormes. Loris agora pergunta se eu continuo na mesma casa. Respondo que sim.

— Sozinha, querida?

— Com o meu gato.

— Mas ele não é livre? Esse seu namorado...

— Mais ou menos.

— Mais ou menos, como?!

Estou rindo e é bom rir, Emanuel é o meu gato que tentou fugir até que mandei levantar o muro e agora ele se deita feito uma esfinge no pequeno canteiro e fica olhando para o portão e miando.

— Ele tem uma dona, é claro! Mas sempre consegue dar suas escapadas — eu digo. Pela primeira vez na festa estou me sentindo melhor, gosto das ambiguidades, desse jogo, que difícil ser eu mesma! E que fácil.

— Ah, mas ele então é casado?

Afonso escolhe outro disco, confessa que prefere jazz. Solan-

ge avisa que vai fazer pipi e o homenzinho do cravo no peito toma nota do telefone da jovem desenhista que veio com Solange, ela não é bonita mas soube armar um tipo com tanta imaginação que bateria até aquela Vênus da concha se essa Vênus aportasse nesta praia. Faz o que eu devia ter feito: tirou partido da feiura que virou ousadia, quase agressão. Eu poderia ainda me vestir de egípcia, não? Se esqueceriam da minha cara, do meu corpo e não é isso que eu quero? Ser conversada, ser discutida. Me volto para Loris que está bêbada mas lúcida, o lado ruim ainda me provocando, Fala mais, e o Emanuel?... Comecei e agora não posso parar, ninguém acredita, mas Loris me fisgou e vem me puxando assim como aquele velho pescador foi puxando o peixe que tenta fugir no mar, fiquei tão deprimida nesse pedaço do filme, a linha completamente esticada e com o peixe fisgado... Estou me deixando levar sem resistência e ainda assim ela está querendo — mas o que ela quer agora?

— Não há muito o que contar, Loris. Encontrei-o na rua.

— Na rua?

— Parecia solitário, assim infeliz.

Mais precisamente foi numa esquina. A lembrança me emociona demais, deve ser efeito do conhaque, ah! se passasse por aqui aquela bandeja de doces eu comeria a bandeja inteira, tanta vontade de açúcar. Um analista esperto explicaria, Carência afetiva! Meu querido pai me levava todas as noites uma caneca de chocolate quente e esperava eu virar a caneca até o fim. Ele podia ter vivido mais e foi acontecer aquilo, ah! paizinho! Não, não quero lembrar, melhor pensar no analista que falava em carência. O meu irmãozinho de oito anos caçava os gatos e no quintal de casa dependurava todos pelo rabo num varal, os gatos se contorcendo aos urros, era também carência? Fazia frio naquela noite e ele miava e tremia tanto! Guardei-o no bolso do casaco, um gatinho mijado, feio, a cabeça vacilante pesada demais para o pescoço fino. Emanuel, eu chamei. Ele miou e escondeu o focinho na minha mão. Tenho um gato! pensei. E se eu vestisse uma túnica grega? Uma túnica podia ser uma solução, sandálias com as tiras douradas suando pelas pernas, Alice anda fantasiada de grega, acho que enlouqueceu! Está certo, enlouqueci, a loucura é uma boa saída mas essa teria que ser uma loucura requintada, com lampejos, iluminações... E eu seria capaz dessas iluminações?

Solange levanta a perna que se descobre enquanto o homem do cravo no peito tenta abrir o fecho da pulseirinha que ela tem no tornozelo. Mas como ficariam nas minhas pernas de fio de macarrão essas tiras douradas? Loris passa engatinhando debaixo da perna de

Solange, vai pegar o prato de croquetes. Volta e me encara apertando os olhos. Recomeçamos a comer com voracidade. Preciso falar.

— Ele gosta muito de música, fica calmo quando ouve Mozart.

— Finíssimo, querida. Conta mais!

— Às vezes ele se deita na almofada do chão e fica horas e horas imóvel, ouvindo, os olhos verdes brilhando tanto, como brilham seus olhos quando apago a luz e me deito ao seu lado.

— Vocês preferem fazer amor no chão?

— Ou na cama, dividimos o mesmo travesseiro. Quando acordado tarde da noite ele já saiu. Mas que barulho é esse, está chovendo?

— Está caindo uma tempestade!

— Tenho que ir, Loris, tenho que ir — eu digo.

— Ir, como?! Imagine se... — recomeçou mas emudeceu. A campainha?! Não tocaram a campainha? — Mas se não estou esperando mais ninguém! Então é ele, só pode ser ele, o seu médico! Ele chegou!

Vou recuando ainda de joelhos para a zona de sombra, quero esconder esta cara, não, Loris, não pode ser, hoje ele tem plantão lá no hospital, é difícilimo fugir do plantão!

Ela encurtou depressa a linha e vem me puxando no anzol, mas como?! O amado de Alice acaba de chegar e todo mundo assim desligado! Pois não foi ele que chegou? Só pode ser ele, minha gente, olha a campainha, quem mais?...

A campainha está tocando outra vez e agora mais forte. Estremeço, o som agudo lembra o som de uma cigarra que vai me serrando pelo meio, oh! Deus! Os trovões, raios. E Loris de pé, oscilando triunfante como se estivesse na proa do barco. Engulo penosamente a saliva, estou salivando sem parar porque no medo a saliva cresce borbulhosa, quero repetir que não pode ser ele mas o anzol me puxando mais... Ouço a minha voz num sopro, Ele tem plantão lá no hospital, Loris, é difícilimo sair... Não pode ser ele!

— Afonso, queridinho, vai abrir a porta! — ela ordena.

Baixei a cabeça. E eu já tinha cedido sem a menor resistência, um pouco mais e confessaria, tudo é mentira, não tenho nenhum homem, tenho um gato que achei na rua, Emanuel é um gato! Aperto contra a boca o copo vazio, eu vazia. E todos falando ao mesmo tempo. A janela se escancarou na ventania, a cortina subiu e derrubou garrafas, copos, tumultuando a sala que rodopiou no vento. E a voz de Afonso pairando sobre as águas, voltou arfante porque subiu a escada correndo:

— É o Emanuel, minha querida, é o Emanuel!

ANEXO B – AS FORMIGAS

Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

– É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

– Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

– É você que estuda medicina? – perguntou soprando a fumaça na minha direção.

– Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

– Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de

plástico. Minha prima largou a mala e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

– Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

– Ele disse que eram de adulto. De um anão.

– De um anão? é mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro a beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!

– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassman e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

– Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

– De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. – Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

– É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

– Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

– Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

– São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

– Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

– Está debaixo dela – disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. – Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

– Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

– Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vem fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

– Esquisito. Muito esquisito.

– O quê?

– Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

– Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu

pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos a cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente mas dessa vez foi o antigo pesadelo em torno dos exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei:

– E as formigas?

– Até agora, nenhuma.

– Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

– Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

– Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas então quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

– Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto mas estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia flor de maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho que competia nas repetições com o sonho da prova oral: nele, eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me físgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

– Elas voltaram.

– Quem?

– As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

– E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... estão se organizando.

– Como, organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

– Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!

– Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas, desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

– Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia – ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

– Estou com medo.

Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

– Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

– Voltaram – ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

– Estão aí?

Ela falava num tom miúdo como se uma formiguinha falasse com sua voz.

– Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

– Que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

– Você está falando sério?

– Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

– Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

– Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta.

– E para onde a gente vai?

– Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japonsa e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

ANEXO C – A CAÇADA

A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus anos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou vôo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.

— Bonita imagem — disse ele.

A velha tirou um grampo do coque, e limpou a unha do polegar. Tornou a enfiar o grampo no cabelo.

— É um São Francisco.

Ele então voltou-se lentamente para a tapeçaria que tomava toda a parede no fundo da loja. Aproximou-se mais. A velha aproximou-se também.

— Já vi que o senhor se interessa mesmo é por isso... Pena que esteja nesse estado.

O homem estendeu a mão até a tapeçaria, mas não chegou a tocá-la.

— Parece que hoje está mais nítida...

— Nítida? — repetiu a velha, pondo os óculos. Deslizou a mão pela superfície puída. — Nítida, como?

— As cores estão mais vivas. A senhora passou alguma coisa nela?

A velha encarou-o. E baixou o olhar para a imagem de mãos decepadas. O homem estava tão pálido e perplexo quanto a imagem.

— Não passei nada, imagine... Por que o senhor pergunta?

— Notei uma diferença.

— Não, não passei nada, essa tapeçaria não agüenta a mais leve escova, o senhor não vê? Acho que é a poeira que está sustentando o tecido acrescentou, tirando novamente o grampo da cabeça. Rodou-o entre os dedos com ar pensativo. Teve um muxoxo: — Foi um desconhecido que trouxe, precisava muito de dinheiro. Eu disse que o pano estava por demais estragado, que era difícil encontrar um comprador, mas ele insistiu tanto... Preguei aí na parede e aí ficou. Mas já faz anos isso. E o tal moço nunca mais me apareceu.

— Extraordinário...

A velha não sabia agora se o homem se referia à tapeçaria ou ao caso que acabara de lhe contar. Encolheu os ombros. Voltou a limpar as unhas com o grampo.

— Eu poderia vendê-la, mas quero ser franca, acho que não vale mesmo a pena. Na hora que se despregar, é capaz de cair em pedaços.

O homem acendeu um cigarro. Sua mão tremia. Em que tempo, meu Deus! em que tempo teria assistido a essa mesma cena. E onde?...

Era uma caçada. No primeiro plano, estava o caçador de arco retesado, apontando para uma touceira espessa. Num plano mais profundo, o segundo caçador espreitava por entre as árvores do bosque, mas esta era apenas uma vaga silhueta, cujo rosto se reduzira a um esmaecido contorno. Poderoso, absoluto era o primeiro caçador, a barba violenta como um bolo de serpentes, os músculos tensos, à espera de que a caça levantasse para desferir-lhe a seta.

O homem respirava com esforço. Vagou o olhar pela tapeçaria que tinha a cor esverdeada de um céu de tempestade. Envenenando o tom verde-musgo do tecido, destacavam-se manchas de um negro-violáceo e que pareciam escorrer da folhagem, deslizar pelas botas do caçador e espalhar-se no chão como um líquido maligno. A touceira na qual a caça estava escondida também tinha as mesmas manchas e que tanto podiam fazer parte do desenho como ser simples efeito do tempo devorando o pano.

— Parece que hoje tudo está mais próximo — disse o homem em voz baixa. — É como se... Mas não está diferente?

A velha firmou mais o olhar. Tirou os óculos e voltou a pô-los.

— Não vejo diferença nenhuma.

— Ontem não se podia ver se ele tinha ou não disparado a seta...

— Que seta? O senhor está vendo alguma seta?

— Aquele pontinho ali no arco... A velha suspirou.— Não vejo diferença nenhuma.

— Ontem não se podia ver se ele tinha ou não disparado a seta...

— Que seta? O senhor está vendo alguma seta?

— Aquele pontinho ali no arco... A velha suspirou.

— Mas esse não é um buraco de traça? Olha aí, a parede já está aparecendo, essas traças dão cabo de tudo — lamentou, disfarçando um bocejo. Afastou-se sem ruído, com suas chinelas de lã. Esboçou um gesto distraído: — Fique aí à vontade, vou fazer meu chá.

O homem deixou cair o cigarro. Amassou-o devagarinho na sola do sapato. Apertou os maxilares numa contração dolorosa. Conhecia esse bosque, esse caçador, esse céu — conhecia tudo tão bem, mas tão bem! Quase sentia nas narinas o perfume dos eucaliptos, quase sentia morder-lhe a pele o frio úmido da madrugada, ah, essa madrugada! Quando? Percorrera aquela mesma vereda aspirara aquele mesmo vapor

que baixava denso do céu verde... Ou subia do chão? O caçador de barba encaracolada parecia sorrir perversamente embuçado. Teria sido esse caçador? Ou o companheiro lá adiante, o homem sem cara espiando por entre as árvores? Uma personagem de tapeçaria. Mas qual? Fixou a touceira onde a caça estava escondida. Só folhas, só silêncio e folhas empastadas na sombra. Mas, detrás das folhas, através das manchas pressentia o vulto arquejante da caça. Compadeceu-se daquele ser em pânico, à espera de uma oportunidade para prosseguir fugindo. Tão próxima a morte! O mais leve movimento que fizesse, e a seta... A velha não a distinguira, ninguém poderia percebê-la, reduzida como estava a um pontinho carcomido, mais pálido do que um grão de pó em suspensão no arco.

Enxugando o suor das mãos, o homem recuou alguns passos. Vinha-lhe agora uma certa paz, agora que sabia ter feito parte da caçada. Mas essa era uma paz sem vida, impregnada dos mesmos coágulos traiçoeiros da folhagem. Cerrou os olhos. E se tivesse sido o pintor que fez o quadro? Quase todas as antigas tapeçarias eram reproduções de quadros, pois não eram? Pintara o quadro original e por isso podia reproduzir, de olhos fechados, toda a cena nas suas minúcias: o contorno das árvores, o céu sombrio, o caçador de barba esgrouvinhada, só músculos e nervos apontando para a touceira... “Mas se detesto caçadas! Por que tenho que estar aí dentro?”

Apertou o lenço contra a boca. A náusea. Ah, se pudesse explicar toda essa familiaridade medonha, se pudesse ao menos... E se fosse um simples espectador casual, desses que olham e passam? Não era uma hipótese? Podia ainda ter visto o quadro no original, a caçada não passava de uma ficção. “Antes do aproveitamento da tapeçaria...” — murmurou, enxugando os vãos dos dedos no lenço.

Atirou a cabeça para trás como se o puxassem pelos cabelos, não, não ficara do lado de fora, mas lá dentro, encravado no cenário! E por que tudo parecia mais nítido do que na véspera, por que as cores estavam mais fortes apesar da penumbra? Por que o fascínio que se desprendia da paisagem vinha agora assim vigoroso, rejuvenescido?...

Saiu de cabeça baixa, as mãos cerradas no fundo dos bolsos. Parou meio ofegante na esquina. Sentiu o corpo moído, as pálpebras pesadas. E se fosse dormir? Mas sabia que não poderia dormir, desde já sentia a insônia a segui-lo na mesma marcação da sua sombra. Levantou a gola do paletó. Era real esse frio? Ou a lembrança do frio da tapeçaria? “Que loucura!... E não estou louco”, concluiu num sorriso desamparado. Seria uma solução fácil. “Mas não estou louco.”

Vagou pelas ruas, entrou num cinema, saiu em seguida e quando deu acordo de si, estava diante da loja de antiguidades, o nariz achatado na vitrina, tentando vislumbrar a tapeçaria lá no fundo.

Quando chegou em casa, atirou-se de bruços na cama e ficou de olhos escancarados, fundidos na escuridão. A voz tremida da velha parecia vir de dentro do travesseiro, uma voz sem corpo, metida em chinelas de lã: “Que seta? Não estou vendo nenhuma seta...” Misturando-se à voz, veio vindo o murmurejo das traças em meio de risadinhas. O algodão abafava as risadas que se entrelaçaram numa rede esverdeada, compacta, apertando-se num tecido com manchas que escorreram até o limite da tarja. Viu-se enredado nos fios e quis fugir, mas a tarja o aprisionou nos seus braços. No fundo, lá no fundo do fosso, podia distinguir as serpentes enleadas num nó verde-negro. Apalpou o queixo. “Sou o caçador?” Mas ao invés da barba encontrou a viscosidade do sangue.

Acordou com o próprio grito que se estendeu dentro da madrugada. Enxugou o rosto molhado de suor. Ah, aquele calor e aquele frio! Enrolou-se nos lençóis. E se fosse o artesão que trabalhou na tapeçaria? Podia revê-la, tão nítida, tão próxima que, se estendesse a mão, despertaria a, folhagem. Fechou os punhos. Haveria de destruí-la, não era verdade que além daquele trapo detestável havia alguma coisa mais, tudo não passava de um retângulo de pano sustentado pela poeira. Bastava soprá-la, soprá-la!

Encontrou a velha na porta da loja. Sorriu irônica:

— Hoje o senhor madrugou.

— A senhora deve estar estranhando, mas...

— Já não estranho mais nada, moço. Pode entrar, pode entrar, o senhor conhece o caminho...

“Conheço o caminho” — murmurou, seguindo lívido por entre os móveis. Parou. Dilatou as narinas. E aquele cheiro de folhagem e terra, de onde vinha aquele cheiro? E por que a loja foi ficando embaçada, lá longe? Imensa, real só a tapeçaria a se alastrar sorrateiramente pelo chão, pelo teto, engolindo tudo com suas manchas esverdeadas. Quis retroceder, agarrou-se a um armário, cambaleou resistindo ainda e estendeu os braços até a coluna. Seus dedos afundaram por entre galhos e resvalaram pelo tronco de uma árvore, não era uma coluna, era uma árvore! Lançou em volta um olhar esgazeado: penetrara na tapeçaria, estava dentro do bosque, os pés pesados de lama, os cabelos empastados de orvalho. Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha. Inclinou-se arquejante. Era o caçador? Ou a caça? Não importava, não importava, sabia apenas que tinha que

prosseguir correndo sem parar por entre as árvores, caçando ou sendo caçado. Ou sendo caçado?... Comprimiu as palmas das mãos contra a cara esbraseada, enxugou no punho da camisa o suor que lhe escorria pelo pescoço. Vertia sangue o lábio gretado.

Abriu a boca. E lembrou-se. Gritou e mergulhou numa touceira. Ouviu o assobio da seta varando a folhagem, a dor!

“Não...” – gemeu, de joelhos. Tentou ainda agarrar-se à tapeçaria. E rolou encolhido, as mãos apertando o coração.